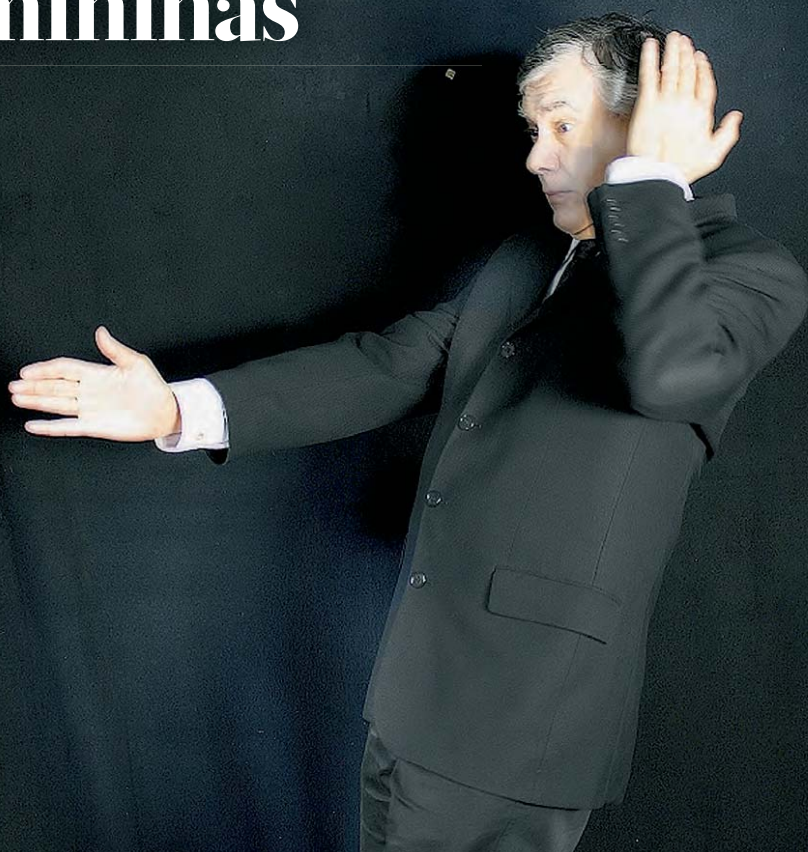


Arte contemporânea portuguesa no Brasil As raízes femininas

Pág. 4



20 anos da CPLP
Cruzamentos
culturais
nos países
de língua
portuguesa

Pág. 2

Rede EPE em
2016/17 e 2017

Abertura de
leitorados no
Luxemburgo
e Nairobi

Estabilidade
no pré-
escolar,
básico e
secundário

Pág. 3

Festlip 2016

Teatro da
Garagem leva
crônicas
de Nelson
Rodrigues

Pág. 4

Fotolivro
Lisboa
'Cidade
Triste
e Alegre'
evocado na
Dinamarca

Pág. 4

20 anos da CPLP

Cruzamentos culturais nos países de língua portuguesa

❖ O Centro Cultural Português (CCP) de Luanda assinala este ano duas décadas de atividade. Na programação de exposições, espetáculos e debates, criadores portugueses e angolanos surgem lado a lado, como uma marca de água dos centros culturais portugueses na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), palco de cruzamentos de criadores dos seus Estados membros.

A instalação do CCP de Luanda, em 1996, coincidiu com o ano do nascimento da CPLP, agregando os cinco países africanos de língua portuguesa, Portugal e o Brasil. Timor-Leste só depois de recuperar a independência se juntaria à organização em 2002. E desde 2014, a Guiné Equatorial também faz parte.

As comemorações do CCP de Luanda levaram e levam ao público da capital angolana as exposições do *Luanda Cartoon 2016* e do Projeto *Olongombe*, os espetáculos no auditório *Pepetela* do centro de *Ceci N'est Pas Une Porte*, com que a Companhia de Dança Contemporânea de Angola assinalou os seus 25 anos, e das companhias teatrais Oásis, Pitabel, Miragens e de Marcela Garcia Oliveira, integrados na rubrica 'Há Teatro no Camões', que também incluiu mesas redondas com o consagrado encenador José Mena Abrantes e outros nomes do teatro angolano.

«Das artes plásticas à literatura, ao teatro, à música, dança contemporânea, arquitetura, ao longo dos últimos vinte anos, passaram pelo CCP centenas de criadores, agentes culturais e jornalistas», muitos angolanos, mas também de outras paragens, referiam as notícias em fevereiro, quando a programação foi anunciada.

A LINGUAGEM DA PROGRAMAÇÃO

O caso de Luanda não é o único. Os centros culturais portugueses nos países da CPLP – Maputo e Beira, Bissau, Praia e Mindelo, São Tomé e polo do Príncipe, e ainda Díli – têm funcionado como plataformas de acolhimento dos criadores locais e a sua atividade muito diversificada tem impacto nas respetivas comunidades.

Num documento do Camões, I.P., sobre a ação cultural externa, frisava-se que a estratégia tem «por base a promoção da diversidade cultural, o diálogo intercultural, assente numa abordagem *people-to-people*, de partilha de conhecimento e troca de experiências». A internacionalização da cultura portuguesa – uma das missões estatutárias do Camões, I.P. – é vista como «fator de diálogo entre culturas», reconhecendo «os seus valores», estabelecendo «pontes» e «contribuindo para o empoderamento pelo conhecimento». A cooperação cultural, enquanto motor de desenvolvimento, procura também contribuir «para a formação de capital



Grupo de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo *As Estrangeiras*, 2016. Texto de José Luís Peixoto, encenação de João Branco



Olongombe

O projeto *Olongombe* (*manada de gado*, em umbundu), patente no Centro Cultural Português (CCP) de Luanda até 23 de setembro, reuniu numa exposição coletiva de pintura, desenho, escultura e instalação consagrados artistas plásticos angolanos – António Gongá, António Ole, Mário Tendinha, Masongui Afonso, Paulo Amaral e Paulo Kussy.

O projeto – que termina em Luanda a sua itinerância por Moçâmedes, Lubango, Benguela – evoca as comunidades pastoris do sul de Angola, remetendo para a obra do escritor, historiador, antropólogo e poeta angolano Ruy Duarte de Carvalho, que em 2009 foi evocado num importante ciclo promovido pelo CCP de Luanda nas suas instalações, intitulado *Dei-me portanto a um exaustivo labor*.

humano, governança do setor cultural, capacitação e gestão cultural, feiras do livro, recuperação do património, residências artísticas».

Na linguagem da política cultural, traduzida depois na programação, isto significa o apoio à formação em diferentes áreas a artistas desses países, seja localmente seja em Portugal, através de residências artísticas, do apoio a diversas expressões artísticas e da realização de exposições que configurem a mobilidade de artistas e de obras no espaço da CPLP.

Está ainda na memória a exposição de arte contemporânea *Réplica e Rebelião / Artistas de Angola, Brasil, Cabo Verde e Moçambique*, comissariada por António Pinto Ribeiro, por encomenda do Camões, I.P., que inaugurada em Maputo em 2006 circulou nos anos seguintes pelos países da CPLP.

No sentido inverso foi inaugurada em 2007 em Maputo – com itinerância depois por Luanda e Praia – a exposição *Troca de Olhares*, comissariada por Isabel Carlos, que, apresentando obras de Ângela Ferreira, Maria Lusitano, Francisco Vidal e Vasco Araújo, pretendeu refletir, «em registos tão diversos como a escultura, a fotografia, o vídeo e o desenho, as vivências pós-coloniais».

Seguiu-se o ciclo *Entre Partidas e Chegada*, com curadoria de Lúcia Marques, que em 2008 levou obras dos artistas plásticos portugueses José Carlos Teixeira, André Cepeda, Edgar Martins e Tatiana Macedo e uma mostra cinematográfica em itinerância pelos países africanos de língua portuguesa e pelo Brasil, partindo de São Tomé e Príncipe, onde integrou a programação da Bienal de Artes (julho de 2008), até à inauguração da última etapa em

Luanda, no CCP, tendo passado entre-tanto pela Praia, Maputo e Brasília.

Exemplos recentes destes cruzamentos, não só entre países, mas também entre criadores, foi em 2015 a exposição *Configurações (im)prováveis*. *Paulina Chiziane e Ungulani Ba Ka Khosa*, comissariada por Alexandra Pinho, apresentada em 2013 em Maputo, tendo depois itinerado pela Beira, para, em 2015, chegar ao Colégio das Artes da Universidade de Coimbra. O cruzamento resultava da apresentação do «universo da criação literária» de Paulina Chiziane e de Ungulani Ba Ka Khosa (pseudónimo literário de Francisco Esaú Cossa), dois dos mais importantes escritores moçambicanos vivos, por uma 'leitura' das suas obras por dois fotógrafos moçambicanos, Mauro Pinto e Filipe Branquinho.

A mostra documental *Casa dos Estudantes do Império 1944-1965* tem estado a circular pelos países africanos da CPLP pela mão do Camões, I.P., depois de ter sido organizada e apresentada em Lisboa pela UCCLA – União de Cidades Capitais de Língua Portuguesa – entidade que organizou em janeiro – fevereiro, na Cidade da Praia, com o apoio do Camões, I.P. o 'VI Encontro de Escritores de Língua Portuguesa'.

Mas é no acolhimento de criadores locais que está muitas vezes a diferença. O projeto *Olongombe* – uma exposição coletiva de consagrados artistas plásticos angolanos termina a sua itinerância por Angola, este mês, no CCP de Luanda (v. caixa). A exposição é uma das muitas que os centros culturais recebem e/ou organizam.

CRIADORES LOCAIS

Nos seus 20 anos, o CCP de Luanda acolheu nomes consagrados – às vezes por diversas vezes –, mas também artistas da nova geração. Em Moçambique, pelo CCP de Maputo (que também completa 20 anos em 2016), ou em iniciativas deste centro ou com o seu apoio, passaram ao longo dos anos alguns dos nomes da arte contemporânea moçambicana e muitos dos seus escritores. No sentido inverso, é infindável a lista dos criadores portugueses que passaram pelos centros culturais portugueses do espaço da CPLP através da sua programação ou apoio.

Desde 2015 foi introduzida uma novidade no relacionamento do CCP de Maputo com os criadores locais, com a realização de residências artísticas em Portugal. No primeiro ano, os coreógrafos moçambicanos Pak Ndjamena e Janeth Mulapha estiveram na Fundação de Serralves e o fotógrafo Félix Mula, vencedor do Prémio Novo Banco (ex-BES) Photo 2016, esteve na primeira residência nas Galerias Municipais de Lisboa ao abrigo de um protocolo entre a câmara e o CCP de Maputo. Em 2016, foi a vez de Eurídice Getúlio Kala.

Nem todas as intervenções têm este caráter tão acentuadamente formativo ou expositivo. A formação é outra das vertentes. Muitas das iniciativas compreendem a deslocação de criadores ou formadores portugueses para seminários e oficinas de trabalho. Em 2013, o CCP de São Tomé trouxe à ilha a coreógrafa Aldara Bizarro, que apresentou o espetáculo de dança *Uma bailarina*, concebido para o público

infantil. Já este ano, teve lugar, naquele CCP, uma *Mostra de Dança Inclusiva*, sob orientação coreográfica do bailarino Rafael Alvarez, na qual intervieram cinco cidadãos santomenses portadores de deficiência.

Em Bissau, a programação do CCP para 2016 tem teatro – pelo Teatro Experimental de Bissau –, música, por executantes locais, lançamento de livros, entre os quais uma antologia poética, e exposições sobre máscaras de Entrudo, panos de pente (tecido tradicional guineense) e arte religiosa. O centro apoiou ainda nos últimos três anos as deslocações dos escritores José Luís Peixoto e Afonso Cruz à Guiné-Bissau, para apresentação das respetivas obras, oficinas de escrita e conversas com alunos da Escola Superior de Educação, tendo este ano essa atividade sido assegurada pelo leitor do Camões, I.P., o escritor Miguel Gullander, juntamente com o escritor santomense Abdulai Silá.

Num país onde a língua portuguesa (LP) procura o seu espaço e o acesso a livros em português não é fácil, a realização da feira do livro de Díli é um dos projetos emblemáticos do CCP da capital timorense, que programa regularmente cinema, exposições e lançamento de livros. A feira já teve 6 edições em Díli, a última das quais em 2014, durante a cimeira da CPLP, e em 2015 realizou-se em Oecusse, o enclave de Timor-Leste na parte indonésia da ilha. Uma nova feira está prevista para este ano.

Se «a apresentação de manifestações da contemporaneidade portuguesa nas diversas áreas da expressão artística e a língua portuguesa» é uma das orientações do CCP da Praia, como dizia em 2012 o seu diretor à época, João Laurentino Neves, a sua ação passa também pela «promoção de uma forte cooperação cultural e de profícuo diálogo intercultural», nomeadamente através do «apoio à estruturação de conteúdos locais» e da «aposta na partilha de percursos, de linguagens e de propostas artísticas, científicas, literárias, etc.», fazendo com que o CCP «se afirme como espaço de referência (pelas propostas), mas também como plataforma de encontro de dois povos (e duas culturas)».

Pelo CCP da Praia, e o seu polo do Mindelo, «passaram muitas das grandes figuras da cultura cabo-verdiana», ao mesmo tempo que foram apoiados fortemente os jovens em início de carreira nas diversas áreas. Exemplo é o Grupo de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo (sedeado na ilha de São Vicente), talvez a mais importante companhia teatral de Cabo Verde, criada e dirigida há 23 anos pelo encenador português João Branco e que estreia a 17 e 18 de setembro, no Mindelact 2016 – Festival Internacional de Teatro do Mindelo (Cabo Verde) –, a sua 53.ª produção – *As palavras de Jó*, de Matéi Visniec.

O papel pioneiro do grupo no teatro cabo-verdiano é reconhecido pelos agentes culturais locais. Aspeto decisivo da sua identidade é o facto de, como sublinha João Branco, o grupo se assumir, artística e esteticamente, como «uma companhia de teatro cabo-verdiana». Que melhor cruzamento cultural se poderia afinal desejar?

Rede de leitorados em 2016/17 e 2017 Aberturas no Luxemburgo e em Nairobi

Dois novos leitorados de língua e cultura portuguesa vão surgir nas universidades do Luxemburgo e de Nairobi, no quadro da rede do Camões, I.P. de Ensino Português no Estrangeiro (EPE) — Ensino Superior e Organismos Internacionais —, em 2016/17 e 2017 (nos países em que o ano letivo coincide com o ano civil), aprovada por despacho governamental.

A criação destes dois novos leitorados «tem em linha de conta os eixos estratégicos de ação do Camões, I.P. na área da promoção da língua portuguesa», segundo se lê no documento que fundamentou a proposta de rede aprovada.

A rede, que no geral passa pela manutenção da existente em 2015/16 e 2016, prevê o encerramento do leitorado de Poitiers (França), onde a presença do Camões, I.P. deverá vir a ser assegurada através de um protocolo de cooperação e a reabertura do leitorado da Universidade de Chulalongkorn, em Banguecoque (Tailândia), cujo titular acumulará funções na Universidade de

Thammasat e no Centro Cultural Português (CCP) em Banguecoque.

Na anterior rede de 2015/16 e 2016 já tinham sido abertos três novos leitorados nas universidades de Havana (Cuba), Suazilândia (Suazilândia) e Kinshasa (República Democrática do Congo).

A criação de um leitorado na Universidade do Luxemburgo é justificada no documento pela necessidade de formalizar e alargar as funções que um docente do Camões, I.P. já desempenha naquele estabelecimento, onde assegura a lecionação de duas cadeiras semestrais opcionais a cerca de 40 alunos, no âmbito do bacharelato em Culturas Europeias.

O Camões, I.P. mantém uma presença relevante no Luxemburgo através da sua rede de ensino ao nível da educação básica e secundária, rede essa que conta com 26 professores para 2.840 alunos. A formalização de um leitorado visa assim viabilizar «a formação de professores de Português Língua Estrangeira» e a «oferta curricular do português a estudantes de outras faculdades»

daquela universidade, bem como «dotar o novo espaço do CCP no Luxemburgo, inaugurado em março de 2016, de um responsável».

Já a criação de um leitorado na Universidade de Nairobi (Quênia) insere-se na «estratégia de internacionalização da língua portuguesa», através da «abertura de leitorados junto de organizações internacionais, sem prejuízo do exercício de funções [por esses leitorados] nas universidades locais». A abertura de posto em Nairobi é importante, porque a capital queniana «acolhe o Escritório das Nações Unidas para África (UNON), pelo que a criação de relações com aquela estrutura resulta em mais-valia para projetos em África».

Acresce que a Universidade de Nairobi «faz parte do Consórcio Pan-africano de Masters em Interpretação de Conferência e Tradução (PAMCIT), patrocinado pela Comissão Europeia e pela UNON, de cujo comité executivo o Camões, I.P. faz parte pelo papel relevante que teve na criação de mestrados de Interpretação de Conferência e de Tradução da



Universidades de Nairobi (em cima) e do Luxemburgo



indicados pelo Camões, I.P. em 63 estabelecimentos de ensino superior em todo o mundo, distribuídos por África (18), América do Norte e do Sul (sete), Ásia e Oceânia (sete) e Europa (31). Há ainda leitores noutro tipo de instituições, como centros culturais portugueses, instituições de formação e num liceu da Roménia, em regime de acumulação — quatro ao todo. O número de leitores previsto é de 49, em resultado da acumulação de funções em diversos estabelecimentos do mesmo país. Este número revela um crescimento dos efetivos de leitores de 11,1 % em relação a 2014/15 e 2015. Ao todo, existem leitores de língua e cultura portuguesas em 39 países, com destaque para a Europa (15 países) e África (14). Seis países da América do Norte e do Sul e quatro da Ásia e Oceânia fazem ainda parte da rede.

O anúncio da rede de leitorados para 2016/17 e 2017 foi praticamente simultâneo com a divulgação dos resultados do concurso para a constituição de uma bolsa de recrutamento de leitores, que ficou constituída por 32 candidaturas, e de que já saem os leitores que vão ocupar postos em oito países, onde são necessários em resultado da cessação de funções dos atuais titulares ou porque houve abertura ou reabertura de leitorados.

Universidade Pedagógica [UPM], Moçambique, que também integra o PAMCIT. Uma vez que do consórcio fazem ainda parte a Universidade de Buea, nos Camarões, e a Universidade de Accra, no Gana, o Camões, I.P. entende que poderá, «através do leitorado, potenciar a interpretação de conferência com o português como língua passiva naquelas instituições e promover ainda maior interligação com a UPM».

O novo mapa da rede de leitorados mostra a presença de leitores

Estabilidade no pré-escolar, básico e secundário

A rede do pré-escolar, do 1.º, 2.º e 3.º ciclos do básico e do secundário do Ensino Português no Estrangeiro (EPE) vai ter, em 2016/17 na Europa (coordenações

de ensino da Alemanha, Andorra/Espanha, Luxemburgo/Bélgica/Países Baixos, França, Reino Unido, Suíça) e 2017 em África (África do Sul, Namíbia,

Suazilândia, Zimbabué), 312 professores, correspondentes a outros tantos horários frequentados por alunos dos cinco níveis de proficiência linguística do português. A constituição da rede foi aprovada por despacho governamental de julho passado. A dimensão e dispersão da rede resultam de um conjunto de critérios para a constituição das turmas, aplicado tanto aos

cursos do regime integrado (no sistema escolar oficial do país em questão) como do regime paralelo (que se processa à margem dos currículos oficiais). Esses critérios respeitam ao número de alunos por turma, número mínimo de alunos (entre 150 a 200) por horário de cada professor da rede, cuja componente letiva deve oscilar entre as 22 e as 25 horas semanais, número mínimo de horas de aulas (60) por cada nível/

subnível de proficiência linguística, número máximo de três horas por unidade letiva, composição das classes/turmas por cinco níveis de proficiência linguística, centralização dos cursos «em localidades onde se verifiquem grandes comunidades de portugueses ou lusodescendentes», limite de 80 km a contar da escola mais perto da residência do professor para as deslocações para lecionação noutras localidades.

Camões, I.P. Apoios à edição de 2016

Dos vivos, Dulce Maria Cardoso, Eduardo Lourenço, Gonçalo M. Tavares, Valter Hugo Mãe, José Luís Peixoto, Rui Zink, Manuel Alegre, António Lobo Antunes, José Eduardo Agualusa ou ainda José Rodrigues dos Santos; dos mortos, ou melhor, dos clássicos, Fernando Pessoa, Sophia de Mello Breyner Andresen, Mário de Sá-Carneiro, Bocage, Camões, Eça de Queirós, José Régio, José Saramago e Clarice Lispector. São estes alguns dos autores cuja publicação de obras traduzidas no estrangeiro recebeu financiamento no âmbito dos apoios à edição concedidos pelo Camões, I.P. em 2016.

A lista de 36 títulos de 18 países, divulgada a 19 de agosto, inclui ainda outros nomes como o dos escritores Ondjaki (angolano), Inês Pedrosa, Bruno Vieira do Amaral, Ernesto

Rodrigues, Daniel Faria, Luís Miguel Rocha — este, equiparado na wikipédia, a um «Dan Brown português» —, e Vítor Kali — de seu nome António Mesquita Brehm —, da ilustradora Catarina Sobral, dos académicos Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi, da jornalista Miriam Assor, do cineasta Pedro Costa e da investigadora e professora universitária Marta Sequeira.

O autor com maior número de livros traduzidos apoiados em 2016 é Gonçalo M. Tavares, com quatro obras editadas nos Estados Unidos (*Uma Viagem à Índia* e *Breves Notas sobre Ligações* / *Breves Notas sobre o Medo* / *Breves Notas sobre a Ciência* / *Breves Notas sobre Música*), França (*Matteo Perdue* / *o Emprego*) e Turquia (*Aprender a Rezar na Era da Técnica*).

Outros autores com mais do que



uma obra publicada com o apoio do Camões, I.P. foram: Fernando Pessoa, na Colômbia — com a antologia *Pessoa Múltiplo*, de Jeronimo Pizarro, autor da tradução e do prólogo e titular da Cátedra que reivindica o patronímico do poeta português na Universidade

dos Andes —, e em Espanha — com a *Obra Completa* de Álvaro Campos, traduzida por Eloisa María del Pilar Álvarez Fernández, professora jubilada da Universidade de Coimbra; e José Luís Peixoto, na Geórgia, com *Galveias*, e na Índia, com *Morreste-me*.

Por universos linguísticos, o espanhol é o idioma com maior número de traduções — nove (em Espanha, Colômbia e Argentina), a que se segue o inglês, com seis traduções (nos Estados Unidos, Índia e Reino Unido), o francês, o croata e o romeno, com três traduções cada. Inglês e espanhol (castelhano, segundo o regulamento) eram, aliás, as línguas prioritárias para receberem apoio em 2016. Os idiomas representados com duas obras foram italiano, sérvio e holandês. As restantes línguas contempladas pelos apoios foram búlgaro, georgiano, hebreu, japonês, turco e ucraniano.

Poderam candidatar-se ao programa de apoio à edição as editoras estrangeiras que pretendiam editar obras de autores de língua portuguesa traduzidas noutros idiomas e dispu-

sessem de «capacidade de distribuição internacional». Cada editor só pôde apresentar uma candidatura.

Se a grande maioria das obras é literária, as traduções apoiadas compreendem alguns ensaios, como a obra *Do Colonialismo como nosso Impensado*, da autoria de Eduardo Lourenço, Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi, publicado na Colômbia; *Aristides de Sousa Mendes*, *Um Justo Contra a Corrente*, da autoria da jornalista Miriam Assor, em Israel; as *Palestras de Tóquio*, do cineasta Pedro Costa, no Japão; e a tese de doutoramento de Marta Sequeira, *Para um espaço público*. *Le Corbusier e a tradição greco-latina na cidade moderna*, no Reino Unido.

Dos clássicos, uma nova edição de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, é publicada em Itália pela Ibis Edizioni, com tradução de Giuseppe Mazzocchi, professor de literatura espanhola na Universidade de Pavia, enquanto *Os Matias*, de Eça de Queirós, são publicados pela Dedalus no Reino Unido, num texto da responsabilidade da reputada tradutora britânica Margaret Jull.

Teatro da Garagem leva crônicas de Nelson Rodrigues ao Festlip 2016



«A vida como ela é, uma encenação de crônicas jornalísticas do dramaturgo brasileiro Nelson Rodrigues, é o espetáculo que a companhia portuguesa Teatro da Garagem leva à 8.ª edição do Festlip (Festival de Teatro da Língua Portuguesa), que decorre de 21 de setembro a 2 de outubro no Rio de Janeiro, com a participação de grupos teatrais de Angola (Elinga Teatro) e Cabo Verde (Raiz de Polon).

O festival, que este ano tem uma marca cinematográfica relevante, com a *Mostra Brasil*, apresenta encenações inéditas de textos de Nelson Rodrigues (1912-1980) por companhias vindas dos três países. O dramaturgo, jornalista e escritor brasileiro, relativamente ao qual se aplicaram os adjetivos de «genial, maldito, imoral, pornográfico» – segundo o comunicado de imprensa da organização do festival, a cargo da Talu Produções, dirigida por Tânia Pires – escreveu ao longo de quase 40 anos 17 peças, nove romances, além de centenas de contos e crônicas, redefinindo o teatro brasileiro e tornando-se a sua maior e mais influente referência.

A vida como ela é, da autoria de Maria João Vicente, é um espetáculo com encenação de Carlos J. Pessoa, «baseado no universo das crônicas que Nelson Rodrigues escreveu por cerca de dez anos, diariamente, para o jornal *Última Hora*». Segundo a sinopse da peça, «através do retrato do quotidiano das relações entre casais brasileiros dos anos 50, o escritor traça um quadro sobre as relações humanas no seu íntimo. Numa grande proximidade com o público, a peça percorre casamento, amor, desejo e adultério para mostrar retratos da vida comum nos quais ainda conseguimos nos reconhecer».

O Elinga Teatro, dirigido pelo dramaturgo angolano Mena Abrantes, apresentará no festival a peça *A mulher sem pecado*, que tem como tema o ciúme conjugal, enquanto *Raiz de Polon*, com a peça *A serpente*, conta, através da dança de Mano Preto, fundador do grupo, «a história do triângulo amoroso vivenciado por duas irmãs e o marido/cunhado».

Dedicado pela primeira vez por completo a um tema, o festival compreende ainda oficinas de trabalho, palestras, exposição de fotos, show, evento gastronómico e «uma inédita mostra de cinema», além de uma leitura dramatizada por atores brasileiros.

O festival, que contabiliza desde a sua primeira edição um público de quase 280 mil pessoas, tem o patrocínio de diversas entidades brasileiras e do Camões, I.P., que «garantiu a presença dos artistas portugueses no prestigiado evento».

Fotolivre histórico evocado na Dinamarca



«A 3.ª edição da *PHOTOBOOK Week ARHUS*, uma iniciativa que decorre de 26 de setembro a 2 de outubro, na Biblioteca da Escola de Arquitetura da cidade dinamarquesa de Arhus, centrar-se-á no fotolivre *Lisboa, 'Cidade Triste e Alegre'*, publicado originalmente em 1959.

A curadoria da exposição dedicada ao livro está a cargo de José Luís Neves – a fazer o doutoramento na Universidade do Ulster, em Belfast – cujas áreas de investigação incluem, nomeadamente, a história e historiografia dos livros de fotografia.

A escolha de *Lisboa...* como ponto central da exposição prende-se com a qualidade do livro, mas também com a possibilidade de poder mostrar pela primeira vez uma parte da história do fotolivre em Portugal.

O objetivo principal da exposição é contextualizar *Lisboa, 'Cidade Triste e Alegre'* através da sua relação com outros fotolivros. Assim, vão ser apresentados vários volumes nacionais e internacionais produzidos na década de 1950 que claramente dialogam, em termos fotográficos e bibliográficos, com a obra do Victor Palla e Costa Martins.

A exposição, que tem o apoio do Camões, I.P. e da Embaixada de Portugal em Copenhaga, vai também incluir documentação relacionada com as várias edições de *Lisboa...* (1982, 2009, 2015), a primeira realizada pela Galeria Ether e as duas mais recentes pela editora portuguesa de livros fotográficos Pierre von Kleist.

Arhus é a segunda cidade dinamarquesa, um polo universitário muito importante e capital europeia da cultura em 2017. O seu museu de referência, AROS, organiza em outubro uma grande exposição de Joana Vasconcelos, tendo adquirido já uma obra especialmente projetada para o seu *hall* principal que está a ser terminada.

Cinema português em Paris

«Os filmes *John From*, de João Nicolau, e *Montanha*, de João Salaviza, são projetados a 23 e 30 de setembro, respetivamente, no Instituto Cervantes de Paris, por iniciativa do Centro Cultural Português (CCP)/Camões, I.P. de Paris, no âmbito da Semana das Culturas Estrangeiras em Paris – coordenada pelo Ficep (Forum des instituts culturels étrangers à Paris) –, cuja temática desta sua 15.ª edição é *J'ai quinze ans* (Tenho quinze anos).

Na programação 'Público Jovem', na Casa de Portugal – André de Gouveia, o CCP apresenta, dia 23, leituras, em português e francês, do conto *Homero*, de Sophia de Mello Breyner Andresen, acompanhada de uma criação musical de Fernando C. Lapa para piano a quatro mãos, por Bruno Belthoise e João Costa Ferreira.

No mesmo âmbito, será realizada, dia 24, uma sessão de leituras intitulada *Crescer – irmãs à beira de uma crise de nervos*, uma atividade de promoção da língua portuguesa destinada a crianças e acompanhantes.

Arte contemporânea portuguesa no Brasil As raízes femininas

«Obras de Helena Almeida, Maria Helena Vieira da Silva, Paula Rego, Pedro Cabrita Reis, Albuquerque Mendes, Joana Vasconcelos, José de Guimarães, José Pedro Croft, Jorge Molder, Julião Sarmento, Lourdes Castro e Miguel Palma estão naquela que é «a maior exposição de arte contemporânea portuguesa já realizada» no Brasil, compreendendo produção artística de 42 artistas plásticos.

A mostra *Portugal Portugueses* – *Arte Contemporânea*, patente até 8 de janeiro no Museu Afro Brasil, de São Paulo, «integra uma trilogia [daquele museu] sobre a mais nova produção artística da África, de Portugal e do Brasil», segundo a nota de imprensa divulgada antes da inauguração, a 8 de setembro.

Portugal Portugueses é a segunda exposição da trilogia desenvolvida pelo curador da mostra, Emanuel Araujo, «responsável por homenagear as principais raízes da cultura brasileira (africana, portuguesa e indígena) à luz de uma leitura contemporânea nas artes visuais». Sucede a *África Africans*, eleita pela Associação Brasileira de Críticos de Arte como a melhor exposição de 2015.

A seleção de 42 artistas plásticos com «profundos vínculos» a Portugal dá «grande destaque» à «participação de artistas modernistas consideradas pelo curador a base da contemporaneidade portuguesa, mulheres que tornaram proeminentes a arte lusitana no circuito internacional através de obras surrealistas, geométricas e que se conectam com Brasil e a África», adianta a nota de imprensa.

No dizer dos promotores da exposição, «o modernismo das artistas Maria Helena Vieira da Silva, Ana Vieira, Helena Almeida, Paula Rego e Lourdes Castro, formam um núcleo poderoso de mulheres criadoras, que incorporam com suas obras e linguagens, uma valiosa contribuição à arte contemporânea portuguesa». É, a partir delas – referem – que a exposição «se desenha, abrindo espaço, através de diferentes linguagens e estraté-



Helena Almeida. *Looking back*, 2007. Fotografia a preto e branco, 281 x 125 cm. Edição única



«Matéria do esquecimento», 2011. Lantejoulas, alfinetes de aço, espuma, arame, napa preta. Dimensão total (cm) 63 x 83 x 70

gias como a geometria, instalações, esculturas, fotografias, desenhos e grandes painéis, reunindo consa-

grados nomes aos novos talentos que despontam».

«Por muitas razões a arte portuguesa tem um leque enorme de situações que nos comovem, talvez porque nela existam resquícios da África, do Brasil e dela mesma», afirmou Emanuel Araujo. A exposição celebra ainda «uma união inevitável de encontros e desencontros do que foi e do que é a nossa formação como povo», acrescentou o fundador e diretor executivo curatorial do Museu Afro Brasil, que evocou ainda D. Pedro (I do Brasil e IV de Portugal), as descobertas, a escravatura, a colonização e a miscigenação.

Emanuel Araujo sublinha que *Portugal Portugueses*, mostrando a modernidade e atualidade da arte portuguesa contemporânea, não pretende ter feito escolhas «totalmente abrangentes». «São muitos os artistas seminais de uma grande história da arte portuguesa moderna e contemporânea. Evidentemente, esta exposição não tem um caráter didático e nem esgota o assunto diante da complexidade de tantos autores».

Em simultâneo com *Portugal Portugueses* – refere a nota de imprensa – decorrem no museu três homenagens póstumas a personalidades portuguesas: a atriz Beatriz Costa, pela sua «importante participação no teatro brasileiro», o ceramista e caricaturista Rafael Bordalo Pinheiro – nos 170 anos do seu nascimento –, que «criou importantes revistas no Brasil do século XIX», e o Amadeu de Souza Cardoso, descrito como «um pintor revolucionário» e de que o Museu Afro Brasil apresenta uma reprodução dos desenhos do álbum *XX Dessins*, editados recentemente na exposição retrospectiva dedicada ao artista no Grand Palais de Paris. Uma sala especial homenageará Maria Helena Vieira da Silva, que viveu no Brasil entre 1940 e 1947.

A exposição teve patrocínio do Camões, I.P., das empresas EDP Brasil, com apoio do Instituto EDP, Banco Itaú e de Rainer Blickle, Leonardo Kossoy e Orandi Momesso.

Tatiana Macedo na abc – art berlin contemporary

«A exposição *Orientalism and Reverse*, da artista luso-angolana Tatiana Macedo, será inaugurada no Espaço Cultural *Camões* – Kunstraum Botschaft –, em Berlim, na próxima sexta-feira, 16 de setembro, por ocasião do *abc – art berlin contemporary*, uma plataforma para as galerias internacionais apresentarem trabalhos individuais de arte contemporânea na capital alemã.

Tatiana Macedo é atualmente bolseira *João Hogan* – Fundação Calouste

Gulbenkian e artista em residência na Künstlerhaus Bethanien Berlin, durante um ano, até dezembro próximo.

Tendo estudado em Lisboa e Londres, Tatiana Macedo trabalha diversos *media*, como cinema, fotografia e som, «de uma forma exploratória, crítica e inquiridora». A artista ganhou, em 2015, o prémio Sonae Media Art com a instalação de vídeo e som 1989.

A exposição estará patente no público até 11 de novembro de 2016.



Camões, I.P.

Av. da Liberdade, n.º 270
1250-149 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987

www.instituto-camoes.pt
jlencarte@camoes.mne.pt
PRESIDENTE Ana Paula Laborinho
COORDENAÇÃO Vera Sousa
COLABORAÇÃO Carlos Lobato